

MYRIAM CAMPELLO

JOGO DE DAMAS

2ª edição

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2024

2005

Vou matar esse desgraçado.

Quando algo pernicioso destroça quem você ama, a vingança é uma explosão de saúde. O velho olho por olho. Em lugar do inimigo em pé, um solo limpo e despojado. As leis não vão me ajudar. E o que faço com a destruição de Ana, quatro anos, estraçalhada por um pitbull ao brincar com a babá na pracinha perto de casa? Se vissem a própria filha transformada em despojo sangrento, dariam a outra face? Quem paga essa conta? Ou devo aceitar em silêncio que minha vida seja reduzida a uma papa disforme a caminho da podridão?

Não vi a cena. Ana ficava com a babá enquanto eu desaparecia no trabalho boa parte do tempo. Mas vi como ficou Ana e imagino a violência do cão: os dentes amarelos quebrando os ossos que apenas se construía, os guinchos de terror da babá, a menina sacudida como um trapo velho. Meus primeiros uivos de dor uniram a imagem do corpo morto de minha filha a de um cão em paroxismo. A partir desse momento luto para não ser tragada pela memória. Sei que se me retardar nessas trevas meu equipamento mental se perderá. Ter medo das próprias lembranças é como temer a mão ou o pé, uma convivência assustadora. Mas vou combater essa voragem até encontrar o inimigo. Depois, que a memória faça o que quiser.

“A mordida da hiena tem uma pressão de trezentos quilos”, disse o delegado como se discorresse sobre o tema numa palestra. “O pitbull faz parte dessa força primitiva. Um triunfo do ponto de vista fisiológico.” Por trás do horror, notei sua admiração pela eficiência do animal. Cuspi nele e fui arrastada de lá pelos amigos. Naquele momento meu impulso era acabar com todos os cães da raça onde quer que se escondessem. Abater essa forma negativa de vida, com seus olhos doentios e sua brutalidade cega. Ao recuperar a lucidez vi que o animal não tinha culpa. De que adianta esmurrar a água?

“Moby Dick é apenas uma máscara atrás da qual algo odeia desmesuradamente”, diz Ahab. Meu objetivo é o dono do cão. É para a negligência criminosa desse homem que me volto. A vingança restabelece um pouco de equilíbrio no velho livro-caixa quando a justiça deixa o crime impune e o criminoso melhor que a vítima. Vou achar esse desgraçado. E vou matá-lo.

* * *

O velho hotel tinha uma tranquilidade vazia fora da estação, com as flores amarelas das árvores despencando ao mínimo vento.

Seis meses depois da morte de Ana eu continuava um vago conjunto de partes desunidas. Minhas audiências eram interrompidas por soluços. Não conseguia falar com os outros, não desejava a companhia de ninguém, não queria nada. Abandonei as tentativas e pedi licença do Ministério Público. As vozes de parentes e amigos lutando por minha sobrevivência chegavam de muito longe. Parei de atendê-los. Como um vegetal, assistia o tempo deslizar numa procissão de luz

e sombra do sofá, os blocos das horas dissolvidos num rio lento de interior de selva. Só o desejo de vingança latejava em mim. Finalmente notei que as paredes contendo os risos de Ana destruíam qualquer ímpeto. A tarefa não seria executada a partir dali, do cenário com minha filha. O som dos sinos tibetanos do vizinho, agourentos, entrava pela porta da área como na partida de Bruno. Então guardei as fotos espalhadas em torno de mim, dei alguns telefonemas e no fim da tarde já estava nesse hotel da serra.

O gramado se esticava até as árvores altas mais adiante, cobertas pelas flores cor de canário. Resolvi desfazer a mala depois. O ar fresco era uma libertação comparado ao clima do Rio. Tranquei a porta e saí, segurando a chave presa a um pequeno retângulo de metal. De uma árvore isolada pendia um balanço, gemendo de leve na brisa. Passei a mão no assento gasto e imaginei Ana sentada nele, o alvoroço com que sempre recebia as alegrias do mundo. Como uma trêmula bolha de sabão a dor parou à altura dos meus olhos, num desafio. Larguei o balanço.

Uma ducha ruidosa despejava-se na piscina, cercada pelos toldos amarelos das mesas redondas ligeiramente desbotados pelo sol. Dali se via a grande varanda em L do hotel. Um empregado apareceu e desapareceu, ocupado em tarefas secretas. Nenhum hóspede até o momento.

“Por enquanto você fica com o homem e eu com o cachorro”, tinha combinado com Duca. Minha parte seria vasculhar os criadores de pitbull, associações, clubes, tudo que encontrasse na Internet. “Julia, você sabe que é quase impossível achar o cara, não é? A pista está fria, a polícia não tem coisa alguma.” “Nada é impossível”, cortei com uma falsa firmeza.

“Bom, tem os milagres, a bola de cristal...”, disse ele. Fiquei calada. Não confiava na minha voz. “Você vai aguentar remexer nisso?” “Claro”, disse eu. Ele suspirou.

Duca fora o melhor policial que eu conhecera. Já me salvara no passado, quando o irmão de um traficante tinha avançado contra mim numa ruela à saída do tribunal. Por outro lado, seu balbucio de bêbado me arrancara algumas vezes da cama, e eu o recolhera vomitado de ruas infectas. O suicídio da mulher, os problemas com a filha e o álcool não o tinham liquidado por pouco. Levei-o para minha casa ignorando a cara feia de Bruno, que achou aquilo um exagero. Mas eu via Duca agonizar, cada dia mais próximo da morte. Mobilizei seus últimos fiapos de resistência, arrastei-o para as sessões dos AA, levei-o aos trancos para o médico. Não lhe dei tré-gua. Por um período ele me odiou francamente, um dia quase me bateu. Mas a morte foi se afastando. Limitava-se a fazer caretas intermitentes, um palhaço mau por trás das vidraças. Em seis meses Duca já podia fazer planos. E agora que se aposentara, seu plano era ler as centenas de livros comprados ao longo da vida, transbordando das estantes e subindo do chão em colunas multicores.

A noite chegou à maneira da serra, o frio desabando como um machado. Pesquei a suéter de malha grossa e li na cama até as sete, toda vestida, perto do abajur não tão claro quanto eu gostaria. Então fui para o restaurante. Um cheiro succulento me recebeu à entrada e quatro pares de olhos pregaram-se em mim. Cumprimentei os hóspedes e sentei bem longe, como se trouxesse a peste comigo. Depois do jantar, encolhida na cadeira de vime da varanda, fitei os troncos escuros pensando na tarefa do dia seguinte. A digestão me entorpeceu

aos poucos. Voltei à cama sem olhar para o céu gelado que eu amara numa outra vida.

* * *

Quando liguei o laptop pela manhã, o Clube dos Criadores me jogou no rosto um pitbull aterrador. O focinho feroz pregado num tronco que parecia deformado. Fui ao banheiro e vomitei o café. Vai passar, desabei na cama, inundada de suor. Tem que passar. Se a fraqueza me derrubasse naquele momento eu estava frita. Se me distraísse do objetivo eu estava frita. Tem que passar. Saí da cama num arranco e encarei de novo o animal. Por que o pitbull sempre me dá a impressão de doente, de desarmonia? Aprendo que a raça, obtida por criadores ingleses, irlandeses e escoceses, é basicamente uma mistura do buldogue com o terrier e resultara num cão “que reuniu todas as virtudes de um grande guerreiro: resistência, coragem e gentileza com os que ama”, “meigo e fiel”, “excelente animal de companhia, conhecido por seu amor a crianças”, “cuja agressividade para com o ser humano não é característica da raça, podendo ser considerada um desvio de comportamento”.

Embora, todos os sites concordavam, “sejam muito territoriais. Dóceis, amorosos e brincalhões com os membros da família, mas desconfiados com estranhos, e hostis se estes entrarem em seu território.” Talvez por isso a lei os obrigue a sair com focinheira e guia. Talvez por isso aleijem e matem. E tenham varrido Ana da face da terra.

Olhei os recortes de jornais com os ataques da raça aos seres humanos. Como promotora, sempre considerei a justiça pelas próprias mãos um recurso indigno de nossa espécie

refinada pela areia dos tempos. Minha voz racional saía de paragens onde vive gente que jamais sofreu um ataque gratuito do destino. Quando o solo se esfarelou aos meus pés, reduziu a cacos também minha visão protegida e um conceito mental. Acabara-se o luxo para mim. Os guerreiros japoneses desprezam a camélia como um símbolo da não resistência, pois ao morrer a flor cai inteira do galho. Concordo com eles. É preciso revidar.

Passei a manhã me familiarizando com os admiradores do pitbull. Pouco antes do almoço, quando saí para esticar as pernas, o sol transformara o extenso gramado num tabuleiro luminoso. O cheiro de esterco e vegetação temperava o ar. Enveredei pelas árvores onde as flores amarelas continuavam seu balé descendente e quase esbarrei numa espreguiçadeira solitária. Meu primeiro impulso foi pedir desculpas à pessoa estendida ali, afinal eu invadira seu espaço. Mas nada se movia nela. Nem um tremor nas pálpebras fechadas ou uma vibração nos dedos. Tamanha era sua imobilidade que não parecia respirar. Como uma estátua de pedra, a rainha dormia. Recuei cautelosamente para não interromper o sono na cripta entre as árvores. E examinei pela primeira vez as flores amarelas no chão, lâminas macias que abafavam os passos.

A varanda do hotel finalmente se tornara viva. Gente entrava a caminho do almoço, risos quebravam as frases pelo meio. Uma saudável ordem animal se instalara no restaurante. A família do dia anterior despontou em grupo, chefiada pela mãe. Respondi a seu aceno cordial, mas afundei os olhos na toalha. Não queria que me convidassem para uma cachoeira. Comi rapidamente. Quando me preparava para levantar, a moça da espreguiçadeira passou por mim e me

olhou nos olhos. Considerei aquilo um bom-dia e cumprimentei-a com a cabeça. Mesmo acordada, sua expressão parecia avaliar o mundo de fora, de muito longe. Esperei que o resto de uma família a seguisse, mas ela se instalou sozinha numa mesa de canto, como eu.

Depois do almoço resolvi dar um passeio pelos arredores antes de voltar ao computador. Quinze minutos mais tarde tinha descoberto uma estradinha entre eucaliptos, solitária e vazada de luz. O perfume das árvores era quase inacreditável de tão intenso. Vindo dos dois lados do caminho, os ramos cruzavam-se no alto como uma treliça mostrando o céu azul. Andei por ali sabendo que voltaria àquele lugar mágico quando pudesse. Agora contudo tinha trabalho a fazer. Meia hora depois, ao abrir a porta do quarto, senti um pequeno, mas nítido, deslocamento de ar, como se alguém me soprasse no rosto de perto. Olhei em torno. Da janela fechada não vinha possibilidade de vento. Os objetos e roupas tirados da mala ocupavam o mesmo lugar de antes. Meu estresse tomava agora formas misteriosas. Pousei a garrafa térmica de café ao lado do computador e voltei à pesquisa.

EDITORA
www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

Livros iluminam

Este livro foi composto em Minion Pro
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em fevereiro de 2024.
